

CLUBE DAS MÁSCARAS O GALO DA MADRUGADA: o maior bloco de carnaval do Brasil é patrimônio cultural e tradição em Pernambuco

Marcelo Martins Ianino
Mestre em História - UFRPE

RESUMO: O bloco de carnaval Clube das Máscaras O Galo da Madrugada é um dos maiores ícones da cultura pernambucana. Neste sentido, através do presente artigo, pretendemos analisar as circunstâncias que levaram a agremiação a se tornar um Patrimônio Cultural Imaterial do Estado, além de promover um debate sobre a tradição que se formou em torno do bloco carnavalesco.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval; Galo da Madrugada; patrimônio cultural; tradição.

ABSTRACT: The block of Masks The Mardi Gras Club Galo da Madrugada is one of the greatest icons of the culture of Pernambuco. In this sense, through this article, we analyze the circumstances that led to college to become an Intangible Cultural Heritage of the state, and to promote a debate on the tradition that formed around the carnival block.

KEY-WORDS: Carnival; Galo da Madrugada; cultural heritage; tradition.

Breve histórico sobre o Galo da Madrugada

O Clube das Máscaras O Galo da Madrugada foi fundado oficialmente em 23 de janeiro 1978¹, em uma reunião de familiares e amigos, que ocorreu em uma residência localizada na Rua Padre Floriano, nº 43, no bairro de São José, no centro do Recife. Esse local serviu como a primeira sede do bloco, durante os cinco primeiros anos de sua existência².

Os principais fundadores do Galo da Madrugada foram: Enéas Alves Freire, José Mauro Freire (filho de Enéas), Antônio Carlos Freire (filho de Enéas), Rômulo Guerra de Meneses (genro de Enéas), Cláudio Guerra de Meneses, Mauro Scanoni e Rogério Costa³.

¹ Conforme cópia da Ata da Assembleia Geral Extraordinária, de 06/07/2010, cedida pela Diretoria do Galo da Madrugada. Segundo o referido documento que está registrado no Cartório Mariani (Bairro de Santo Antônio, Recife - PE), O Galo da Madrugada é uma instituição jurídica de direito privado, constituído sob a forma de uma associação de fins não econômicos, de caráter beneficente e cultural, inscrito no CNPJ/MF sob o nº 11.451.275/0001-68.

² A atual sede do Galo da Madrugada é o edifício denominado Palácio Enéas Freire. Inaugurado no ano de 2008, fica localizado na Rua da Concórdia, nº 984, bairro São José, Recife-PE.

³ Entre o grupo de amigos e familiares que fundou o Galo da Madrugada, Enéas Alves Freire merece um destaque especial, porque foi o entusiasta do carnaval que mais se envolveu com o bloco, dedicando a partir de

O objetivo principal dos fundadores do bloco era o de reviver as tradições dos antigos carnavais de rua da cidade do Recife, através de manifestações espontâneas e populares, unindo clubes de frevo e grupos de mascarados (SOARES, 1992: 24).

Essas tradições apontadas por Soares, em relação aos antigos carnavais recifenses, podem ser verificadas através do relato de Mário Sette, parcialmente reproduzido na nota abaixo, sobre a folia de Momo na cidade do Recife, no final do século XIX e início do século XX⁴.

O bloco de carnaval caiu no gosto popular e preencheu uma lacuna importante no carnaval de rua do Recife no final da década de 1970.⁵ Ano após ano, muitos foliões foram aderindo ao desfile do Galo da Madrugada, que ocorre sempre aos sábados de Zé Pereira, abrindo oficialmente o carnaval Pernambucano.

sua criação, todo o seu tempo disponível para a consolidação da agremiação. Antes da existência do Galo da Madrugada, Enéas Freire trabalhou como comerciante autônomo de madeiras, provenientes do Estados do Paraná e Santa Catarina para Pernambuco. Também atuou como corretor de seguros e imóveis, chegando a possuir uma imobiliária chamada Visão, que ficava localizada no Edifício Inalmar, na Av. Dantas Barreto, nº 564, no centro do Recife. Informações registradas através de entrevista cedida pelo atual Presidente do Galo da Madrugada, Sr. Rômulo Guerra de Meneses, em 27/04/2012.

⁴ CARNAVAL DO MEU TEMPO: A orquestra com a sua toada conhecida aproximava-se. Ouvia-se já distintamente a cantiga dos foliões: "O morcego bateu asas - Mas não pôde avoá...- Quem não tem prazer na vida - Não diverte o Carnavá". Era o primeiro bando de mascarados a passar no domingo lá por nossa casa. Eu, que os esperava desde o amanhecer, ficava feito barata tonta. E o reboliço na rua tomava ares de loucura epidêmica. Abriam-se de golpe as janelas de toda a vizinhança. Corriam ao portão os modestos moradores de um cortiço de defronte. A menina gritava. Enchiam-se as esquinas de gente à frêscia. "São os morcegos! Venham ver depressa!", acorriam todos. Patrões e criadas. Brancos e negros. Até minha avó, eternamente resmungando contra os máscaras, contra esses "três dias de juízo", largava disfarçadamente os filhós que fritava com gabada perícia, e arriscava uma olhadela de beijo torcido para a troça que passava num estardalhaço de orquestra e de cantos. [...] Passavam os morcegos. Depois eram pierrôs de babadinhos e canudos, diabinhos dando com os rabos nos moleques, os príncipes de trajos vistosos e cabeleiras brancas, os caveiras com as costelas à mostra, os professores de palmatória na mão e máscaras de burros penduradas aos pescoços, os bobos de fraques com botões de bolachas... Em bandos, em bandos... Tantos que não se podia dar conta de todos. Lá em nossa casa, desde umas semanas antes, picava-se papel. Vinham das lojas, folhas e mais folhas de papel de seda verde, azul, encarnado, amarelo, roxo, róseo. [...] Agora, o papel picado e a bisnaga de água perfumada. O brinquedo de bisnagas era intenso, nervoso, formidável. No meio da refrega, rasgava-se o fundo do tubo com os dentes e derramava-se todo o líquido de uma vez nos cabelos das moças já cobertos de papel picado. A tardinha, em menino, eu ia com meus pais, para a residência de uma tia, Sinhá Pequena, na rua do Hospício. Levava um saquinho de papel e umas bisnaguinhas. Dali, via o desfilar da mascarada, dos clubes de pedestres, o Caiadores, o Vassourinhas, o Parteiros da Boa vista, o Lenhadores, as Pás, dezenas e dezenas de outros. Havia anos de licenciarem para mais de cem. E assistia também ao desfilar do povo que vinha dos arrabaldes, descendo das maxambombas na estação das Oficinas e tomando o caminho da rua da Imperatriz. Uma delícia incomparável para os meus olhos de dez anos esse espetáculo (SETTE, 1981: 47-49).

⁵ No final da década de 1970, quando o Galo da Madrugada foi fundado, o Brasil vivia sob o Regime Militar. E Recife, como capital de um importante Estado da Federação, estava com o seu carnaval de rua de certa forma "domado" e com os maiores destaques voltados aos salões dos grandes clubes. Por isso, a criação do Galo da Madrugada ajudou a preencher uma lacuna que existia no carnaval de rua da cidade, agregando cada vez mais participantes para os seus desfiles anuais (IANINO, 2012: 26).

Em 1994, o Galo da Madrugada reuniu mais de um milhão de pessoas em seu desfile, ficando registrado no ano seguinte, nas páginas do GUINNESS BOOK - O Livro dos Recordes, como o maior bloco de carnaval do Brasil⁶.

No ano de 2012, em sua 35ª apresentação, com um orçamento em torno de R\$ 3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil Reais), dos quais 80% desse valor foram investidos por patrocinadores privados⁷, o Galo da Madrugada fez uma dupla homenagem: comemorou o centenário do nascimento de Luiz Gonzaga⁸, e os oitenta anos do bloco de carnaval olindense O Homem da Meia Noite⁹. A folia com o tema: "Galo, Frevo e Folião: Homenagem ao Rei do Baião" se desenvolveu pelas ruas centrais do Recife, em um percurso de 4,5 quilômetros aproximadamente, começou por volta das 09 horas, com uma queima de fogos de artifício, contou com 25 trios elétricos, 12 carros de apoio e uma grande quantidade de alegorias.

Galo: Patrimônio Cultural Imaterial

O Projeto de Lei Nº 928 / 2009 proposto pelo Deputado Estadual Alberto Jorge do Nascimento Feitosa, aprovado pela Assembléia Legislativa e depois sancionado pelo Governador Eduardo Henrique Accioly Campos, como a Lei Nº 13.712 / 2009, elevou o Galo da Madrugada a condição de Patrimônio Cultural Imaterial de Pernambuco. A solenidade de assinatura do documento ocorreu no dia 20 de fevereiro de 2009, véspera do desfile anual da agremiação carnavalesca, no Palácio do Campo das Princesas, sede do Governo Estadual, conforme podemos verificar a seguir, no noticiário do Diário Oficial:

⁶ A edição de 1995 do GUINNESS BOOK trouxe em sua página 204, o seguinte texto: "O Clube das Máscaras Galo da Madrugada, fundado em 1978 no Recife, Pernambuco, é o maior bloco de carnaval do Brasil, com cerca de 1 milhão de participantes. Em seu último desfile, a 12 de fevereiro de 1994, os seguidores do Galo lotaram as principais ruas da capital pernambucana durante praticamente todo o dia.

⁷ Informações registradas através de entrevista cedida pelo atual Presidente do Galo da Madrugada, Rômulo Guerra de Meneses, em 27/04/2012.

⁸ Luiz Gonzaga do Nascimento, nasceu em 13 de dezembro de 1912, na cidade de Exu - Pernambuco, e faleceu em 02 de agosto de 1989. Foi um dos maiores compositores da música popular brasileira, ficando conhecido como "O Rei do Baião".

⁹ O bloco O Homem da Meia Noite foi fundado em 1932, sendo considerado atualmente como uma das maiores manifestações culturais da cidade de Olinda e do carnaval pernambucano.



Imagem 01: Diário Oficial de Pernambuco, Recife, p. 01 – Caderno Poder Executivo, 21 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.cepe.com.br>>, acesso em 05 jan. 2011.

Os principais destaques da matéria acima foram as colocações dos chefes dos Poderes Executivos, Estadual e Municipal do Recife; para o Governador Eduardo Campos: "O Galo da Madrugada já tem o reconhecimento do folião pernambucano e brasileiro e agora passa a ter o reconhecimento jurídico como um Patrimônio Imaterial da nossa cultura"¹⁰.

Sobre os desdobramentos da lei, Eduardo Campos explicou que "esse é um instrumento que protege a memória desta grande expressão de nossa cultura"¹¹. Garante também um fomento, um apoio continuado fora da época do carnaval às iniciativas do Galo de ter seu museu, preservando as memórias de outros carnavais¹².

O Governador do Estado estendeu também o reconhecimento do Galo da Madrugada como Patrimônio Cultural Imaterial, à força criadora do povo pernambucano, e à memória do carnavalesco Enéas Freire, principal fundador do bloco de carnaval¹³.

¹⁰ **Diário Oficial de Pernambuco**, Recife, p. 01 – Caderno poder Executivo, 21 fev. 2009. Disponível em <<http://www.cepe.com.br>>, acesso em 05/01/2011.

¹¹ Idem, p. 01.

¹² Em nosso entendimento, o fomento a que o Governador Eduardo Campos se refere, é o acesso que o Galo da Madrugada passou a ter, a partir do seu reconhecimento oficial como Patrimônio Cultural Imaterial, aos benefícios garantidos pela legislação brasileira, a exemplo da Lei Federal nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto dos Museus, no qual segundo o artigo 4º, o poder público estabelecerá mecanismos de fomento e incentivo visando à sustentabilidade dos museus brasileiros.

¹³ **Diário Oficial de Pernambuco**, Recife, p. 01 – Caderno poder Executivo, 21 fev. 2009. Disponível em <<http://www.cepe.com.br>>, acesso em 05/01/2011.

Segundo o Prefeito da cidade do Recife, João da Costa Bezerra Filho: "*O Galo é a maior expressão do carnaval de Pernambuco. A partir desse bloco houve a revitalização do carnaval recifense. Nada mais justo esse reconhecimento ao Galo, que sempre defendeu a tradição do Frevo*"¹⁴.

A partir da promulgação da Lei Nº 13.712 / 2009, o Galo da Madrugada se juntou ao rol dos bens imateriais protegidos pelo Estado de Pernambuco, a exemplo da festa de São João da Cidade de Caruaru¹⁵ e da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém que acontece no Município de Brejo da Madre de Deus¹⁶.

A preocupação do governo estadual em preservar seus bens culturais imateriais, está imbricada em uma noção de política pública preservacionista que foi fortalecida no Brasil, principalmente a partir da institucionalização ocorrida em 1937, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), destinado a proteger os marcos da história e da arquitetura brasileiras (SCOCUGLIA, 2003: 78), e posteriormente ratificada através da promulgação da Constituição Federal de 1988, demonstrando um amadurecimento, ainda que inicial, do poder público brasileiro, no sentido de adotar ações de proteção dos nossos valores culturais em seus diversos aspectos e formas de apresentação. Segundo a Carta Magna em seu artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico¹⁷.

A publicação do texto acima, da Constituição de 1988, advém na realidade, de uma construção que foi sedimentada ao longo de muitos anos de debates no plano internacional. O conceito de patrimônio cultural está relacionado com as identidades sociais e resulta primeiro das políticas do estado nacional e, em seguida, do seu questionamento no quadro da defesa da diversidade. Patrimônio cultural associou-se nos séculos XVIII e XIX com a nação, com a escolha daquilo que representaria a nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios ou outras formas de expressão. Podiam ser objetos antigos, como construções

¹⁴ Idem, p. 01.

¹⁵ Lei Estadual de Pernambuco Nº 13.788 de 09 de Junho de 2009.

¹⁶ Lei Estadual de Pernambuco Nº 13.726 de 06 de Março de 2009.

¹⁷ Constituição Federal do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988. Artigo 216.

modernas ou, mais provavelmente, uma mescla nova de ambos. Assim, surgiram os Museus de Antiguidades, com peças antigas, mas reunidas em honra de uma nação (FUNARI e PELEGRINI, 2008: 28).

Para Márcia Regina Romeiro Chuva, *“a necessidade de proteger e conservar o patrimônio nacional”, processo detonado pela Revolução Francesa, enraizou-se paulatinamente no mundo ocidental com a criação das nações*” (CHUVA, 2009: 30). De acordo com a autora, essa necessidade tornou-se quase tão natural e reconhecida quanto a própria idéia de *“nação”*, a tal ponto que:

Apesar das lutas travadas em torno de sua designação e de sua legítima propriedade, não mais se questionaram as motivações históricas que a engendraram. A noção de patrimônio então concebida estava irremediavelmente atrelada ao surgimento dos Estados nacionais modernos, e ao processo de construção da nação a ele inerente, em que se verifica um enorme investimento na invenção de um passado nacional. Sob essa ótica, as práticas de preservação cultural no Brasil devem ser consideradas como dispositivos de integração de segmentos de uma população contida no território delimitado como nacional (CHUVA, 2009: 30).

Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini relatam que com as críticas direcionadas ao nacionalismo e às visões normativas da sociedade, surgiram os apelos pelo patrimônio da humanidade, considerado não uma abstração monolítica e homogênea, mas na concretude da diversidade. Esse movimento de valorização das culturas, iniciado com os aspectos materiais, em geral produzido pelas elites, passou aos poucos a se expandir para as manifestações intangíveis e dos grupos sociais em geral, não apenas pelos dominantes (FUNARI e PELEGRINI, 2008: 29).

O movimento intelectual crescente no século XX e concretizado de forma mais efetiva no século XXI, no qual a sociedade tendia a se apropriar do intangível como patrimônio cultural, pode ser verificado no texto de Tolina Loulanski, reproduzido parcialmente abaixo:

Com a democratização da cultura e sua definição sócio-antropológica expandida (segundo a qual quase qualquer atividade humana pode ser igualmente cultura, e onde todo produto humano pode ser, da mesma maneira, digno de preservação), a distância entre o patrimônio cultural como monumentos e as pessoas como suas criadoras, guardiãs e usuárias foi muito reduzida (LOULANSKI, *Apud.* FUNARI e PELEGRINI, 2008: 29).

Esse processo de democratização da cultura precisou, no campo do patrimônio histórico e cultural, ser validado por uma série de formalidades, as Cartas Patrimoniais, que

são recomendações no plano internacional, sobre as formas de conservação dos bens culturais:

A partir de novembro de 1945, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) engajou-se nesse campo e passou a promover reflexões sobre estratégias pacíficas de desenvolvimento, em particular, nas áreas das Ciências Naturais, Humanas e Sociais, da Cultura, da Comunicação, da Educação e da Informação (FUNARI e PELEGRINI, 2008: 32).

Através do envolvimento de Organismos como a UNESCO, fortaleceu-se a preocupação com a tutela jurídica do Patrimônio Cultural Imaterial no plano internacional. Segundo Daysy Rafaela da Silva, *Foi a partir de maio de 1964 que a Carta de Veneza, trouxe em seu artigo 1º, o conceito de monumento histórico, sendo ele não só grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido com o tempo, uma significação cultural* (SILVA, 2009: 02).

Uma série de eventos ocorreu em seguida ao acontecido em Veneza em 1964¹⁸, e as recomendações contidas nas Cartas Patrimoniais resultantes das conferências internacionais fixaram novos padrões para a apreciação dos bens culturais. (FUNARI e PELEGRINI, 2008: 35) Essa nova forma de apreciar – enxergar, os bens culturais, através principalmente das ações de organismos como a UNESCO e o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), motivou a continuidade ao longo do tempo, das discussões sobre o tema na comunidade internacional, culminando com a aprovação em outubro de 2003, na cidade de Paris, na Conferência realizada pela UNESCO, da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. No artigo 2º da Convenção, encontra-se a definição de Patrimônio Cultural Imaterial:

Entende-se por 'patrimônio cultural imaterial' as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para

¹⁸ França – 1972 (Conferência Geral da UNESCO que deu origem a Convenção sobre a Salvaguarda do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural). Nairobi -1976 (Encontro da UNESCO, no qual foi produzida uma Recomendação que ao conceituar “conjunto histórico e tradicional” incluiu as aldeias e lugarejos dotados de valor sócio-cultural. México – 1982 (Declaração de Tlaxcala, a qual reafirmou serem as pequenas aglomerações reservas de modos de vida que dão testemunho de nossas culturas, conservam uma escala própria e personalizam as relações comunitárias, conferindo assim, uma identidade a seus habitantes. Recomendou ainda, ser necessário o esforço com urgência para identificar, encorajar, manter em vigor e reforçar no espírito das comunidades o prestígio e o valor do uso de técnicas.) (SILVA, 2009: 02)

promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (SILVA, 2009: 03).

Em nosso entendimento, portanto, o destaque legislativo¹⁹, como o que foi conferido pelo Governo de Pernambuco ao Clube das Máscaras O Galo da Madrugada, representa obviamente, um reconhecimento por tudo que foi construído ao longo de sua existência, mas trás consigo, conforme podemos verificar, no discurso político inserido na matéria jornalística apontada no início deste artigo²⁰, o interesse do Estado que vai mais além do que apenas homenagens, são políticas públicas relativas a todo um contexto construído ao longo do tempo, no campo da preservação dos bens culturais, materiais e imateriais. Segundo Maria Cecília Londres Fonseca, sobre a atuação do Estado em relação ao tratamento do patrimônio como objeto de uma política pública, pressupõe-se nesse sentido, um "Estado em Ação", como um organismo que regula os movimentos da Sociedade-Estado, nação e sociedade praticamente se fundem no imaginário social (FONSECA, 2005: 45).

Nesse caso, o patrimônio cultural é utilizado pelo poder público, como uma forma de comunicação social perante a comunidade (FONSECA, 2005: 41). São os signos e sistemas culturais de uma determinada sociedade, cumprindo funções diferenciadas na vida econômica e social. O desfile do Galo da Madrugada como patrimônio público, garante ao estado, não só a perpetuação daquela tradição cultural, mas das circunstâncias econômicas que a envolvem, visto que a enorme dimensão da festa, fixa Pernambuco como uma importante rota turística no período do carnaval, fora os investimentos que são feitos por patrocinadores, emissoras de televisão e sites da internet que atualmente transmitem o evento do Galo da Madrugada, ao vivo, para diversos países, difundido a cultura pernambucana pelos quatros cantos do mundo.

O movimento de pessoas de outras localidades que se deslocam ao Recife com a intenção de participar do desfile do Galo da Madrugada, é um exemplo claro da utilização do patrimônio cultural como recurso turístico pelos municípios:

Parte-se do princípio de que a globalização e o incremento de novas tecnologias de comunicação e de transporte possibilitam a aproximação entre diferentes áreas do planeta, de modo a aumentar a interação entre pessoas e entre cidades. A divulgação do turismo por meio da mídia e dos canais de comunicação faz que cresça o interesse por viagens em busca de novas culturas, de novas paisagens

¹⁹ Lei Estadual de Pernambuco Nº 13.712 de 20 de Fevereiro de 2009.

²⁰ *Diário Oficial de Pernambuco*, Recife, p. 01 – Caderno poder Executivo, 21 fev. 2009. Disponível em <<http://www.cepe.com.br>> Acesso em 05/01/2011.

ou, simplesmente, de descanso distante do local de moradia e de trabalho (DIAS, 2006: 08).

Sob essa perspectiva, o patrimônio cultural tornou-se um elemento valioso para os municípios oferecerem ao mercado turístico. Quer sob a forma de manifestações materiais — monumentos, esculturas, palácios, habitações etc. —, quer sob a forma de manifestações imateriais — festas, folclore, danças, folguedos, manifestações religiosas, música etc. O patrimônio constitui hoje um diferencial para as cidades que competem para atrair visitantes, cuja demanda gerará a multiplicação das atividades produtivas e dos serviços e, conseqüentemente, o aumento de renda e de trabalho. (DIAS, 2006: 08)

O Galo da Madrugada é tradição em Pernambuco

Refletindo sobre qual o tempo necessário para a consolidação de uma tradição em meio a uma sociedade, levando-se em consideração a repetição e os aspectos afetivos que ligam determinado povo ao costume que tende a se perpetuar, acreditamos que o lapso entre a fundação do Galo da Madrugada em 1978 até o ano de 2012, seja um período relativamente efêmero. Todavia, segundo Eric Hobsbawm, *muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas.* (HOBSBAWN, 2006:09) Sobre essa “tradição inventada” comumente encontrada em muitos aspectos de nossa sociedade:

O termo “tradição inventada” é muito utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. Por “tradição inventada” entenda-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 2006: 09).

Em relação a rapidez na consolidação de uma tradição, não podemos esquecer que estamos vivendo na era da tecnologia, na qual as informações se difundem de forma nunca vista antes pela humanidade. Justificando nosso pensamento, recorreremos a Jacques Le Goff para explicar a atmosfera tradicional, relativamente efêmera, que foi criada em torno do Galo da Madrugada:

Mas toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata em grande parte fabricada ao acaso pela *media*, caminha na direção de um mundo acrescido de memórias coletivas, e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob a pressão dessas memórias coletivas (LE GOFF, 2008: 467).

Para Jacques Le Goff essa é a história que fermenta a partir do estudo dos "*lugares*" da memória coletiva. Lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas. No Brasil, as comemorações que fazem parte das grandes festas públicas e que povoam o imaginário de nossa sociedade, remontam ainda ao tempo da colônia. Segundo Araújo, *As grandes festas públicas – fenômenos de múltiplos significados e que se prestaram às mais variadas funções – desde cedo, incrustaram-se na vida sociocultural da colônia* (ARAÚJO, 1996: 49).

Os colonizadores portugueses, na ânsia de incutir no povo gentio, os valores da cultura ocidental e os dogmas do cristianismo, como forma de consolidar a conquista e a dominação política das terras brasileiras, lançaram mãos dos festejos ligados a cultura europeia, para a formação de um imaginário coletivo que reproduzisse na colônia, os costumes vividos na metrópole:

A dança, a música, os autos-hieráticos, por tratarem-se de manifestações que se expressavam através de linguagens universais e, por isso mesmo, mais acessíveis à sensibilidade e ao imaginário do indígena, foram largamente utilizados pelos colonizadores europeus (ARAÚJO, 1996: 49).

Ao longo do tempo, durante a evolução social brasileira, a partir da colonização, as festas ocuparam um lugar especial de mobilização popular, capazes de criarem novas tradições, cada vez que se lançavam pelas autoridades, pela igreja, ou pela comunidade civil, um novo cortejo ou comemoração, em homenagem a um determinado santo ou data cívica:

As festas públicas, civis e religiosas, costumavam mobilizar toda a população da cidade ou vila onde se realizavam, estendendo seu raio de influência às áreas circunvizinhas. E o faziam de um modo específico e definido, refletindo a estrutura social urbana da qual emergia (ARAÚJO, 1996: 55).

Esse modo específico e definido de mobilização de multidões em torno das festas estava inserido em um conjunto de expressões populares, que mais tarde iriam se transformar na atual identidade cultural brasileira. Para Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini, *a fruição dos bens imateriais revela o prazer da retomada dos bailados e das*

cantigas, da alegria de ritmos como o samba de roda, o frevo, o maracatu, entre tantas outras formas de expressão e musicalidade. Segundo ainda os autores:

O ato de recitarmos versos, participarmos das festas do Divino, das folias de Reis e dos festejos carnavalescos constituem práticas incorporadas à nossa cultura. [...]Nossas celebrações, bem como os lugares que elegemos como sagrados, inserem-se num campo mais amplo de práticas coletivas que envolvem o sacro e o profano, o secular e o imediato. Essa amálgama de manifestações culturais cujas origens remontam aos períodos anteriores e posteriores à colonização do Brasil reúne elementos que integram a mistura presente em nossa “brasilidade” (FUNARI e PELEGRINI, 2008: 08).

Acreditamos portanto, que em relação ao Galo da Madrugada, a consolidação da tradição em torno do desfile anual da agremiação, ocorreu dentro desse contexto de mobilização social e cultural, apontado acima nas citações de Araújo, e de Funari e Pelegrini, e que influenciava toda uma comunidade circunvizinha, em nosso caso, inicialmente, os moradores do bairro de São José, local de fundação do Galo da Madrugada, e depois se espalhando para toda a Região Metropolitana do Recife. Mas a consolidação desta tradição não ocorreu como um fato isolado, uma simples adesão popular pelo costume da participação em uma determinada festa, ocorreu porque a agremiação carnavalesca veio preencher uma lacuna que existia no carnaval de rua da cidade do Recife, no final da década de 1970, visto que a predominância na época eram os bailes em clubes. Aliado a isso, o fator econômico ligado ao turismo, colocou o Galo da Madrugada como rota importante para quem vem participar do carnaval em Pernambuco, conforme podemos verificar na obra de Roseana Borges de Medeiros, segundo a qual, o carnaval do Recife iniciou um processo de “*mercantilização*” a partir de 1994, e no ano de 2001:

A Empresa Pernambucana de Turismo (Empetur) realizou uma vasta propaganda na mídia acerca do Carnaval de Pernambuco, destacando-o pela vibração e diversificação, com a presença de reis e rainhas, frevo, troças, caboclinhos, afoxés e maracatus. A programação apresentada em todo o Estado dá uma idéia das principais manifestações carnavalescas. [...] Merece destaque a *Noite dos tambores silenciosos*, na segunda feira, e o *Galo da Madrugada*, que arrasta multidões no sábado de Zé Pereira (MEDEIROS, 2005: 55).

Esse processo de “*mercantilização*” do carnaval do Recife, apontado por Roseana Borges de Medeiros, faz parte do contexto explicado por Gustavo Madeiro da Silva, sobre a lógica de mercado e da indústria do entretenimento, que se instalou em várias cidades do país, principalmente a partir da década de 1990, provenientes dos carnavais fora de época do estado da Bahia, chamados de “Micaretas”:

Essas festas se espalharam por todo o Brasil, e são consideradas extensões do Carnaval tradicional.[...] As novidades exigiam grandes investimentos, e as organizações se firmaram em torno de estruturas profissionais, assim como surgiram outras organizações de diversos tipos que viram na exploração comercial da festa um grande nicho de mercado (SILVA, 2004: 61).

Ainda segundo Silva, a inserção da lógica de mercado no campo do carnaval trouxe a valorização do capital econômico, em detrimento do capital de tradição:

Os governos locais vêem a possibilidade de trazer investimentos e turistas para suas cidades, movimentando diversos setores da economia e trazendo emprego e renda. As TVs vêem a possibilidade de lucrar com anunciantes transmitindo a festa. Comerciantes dos mais diversos setores (restaurantes, ambulantes, comércio em geral) assistem a um aumento na demanda. (SILVA, 2004: 61)

De acordo com o que verificamos até o momento, diversos fatores foram contribuintes para a formação de uma "memória coletiva" em relação ao Galo da Madrugada. Pernambuco é um estado que transmite para o seu exterior um sentimento muito forte de natividade, embasada principalmente em sua história de lutas, manifestações e diversidades culturais. Essa relação entre a população da região metropolitana do Recife que é a maior participante do desfile do Galo da Madrugada, e a construção de um sentimento de memória e tradição em torno do bloco, pode ser explicada com o observado na leitura do texto de Loiva Otero Félix, no qual a pesquisadora afirma que *a memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social.* (FÉLIX, 2004: 40). Nesse contexto é que inserimos a tradição e a memória que foram criadas pelo sentimento coletivo da maior parte da sociedade pernambucana, em torno do Galo da Madrugada; essa repetição do evento, anualmente durante o carnaval, foi o suficiente para em pouco mais de 30 anos, criar laços afetivos e de pertencimento que colocaram a agremiação como ícone da cultura local.

Considerações Finais

O processo cultural que envolve a trajetória do Galo da Madrugada até os dias atuais, é extremamente dinâmico. Para justificar nossa reflexão, utilizamos o texto de Roque de Barros Laraia:

No *Manifesto sobre aculturação*, resultado de um seminário realizado na Universidade de Stanford, em 1953, os autores afirmam que "qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação. Assim sendo, a mudança que é inculcada pelo contato não representa um salto de um estado estático para um dinâmico mas, antes, a passagem de uma espécie de mudança para outra. O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca, geral e rápida do que as forças internas". Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro. No primeiro caso, a mudança pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato. O segundo caso, como vimos na afirmação do *Manifesto sobre aculturação*, pode ser mais rápido e brusco. No caso dos índios brasileiros, representou uma verdadeira catástrofe. Mas, também, pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas (LARAIA, 2009: 95).

Em nossa análise, acreditamos em consonância com o escrito acima, que no caso da cultura pernambucana, houve um evento histórico que alterou profundamente o perfil do carnaval praticado na cidade do Recife, esse evento foi o primeiro desfile do Clube das Máscaras O Galo da Madrugada, no do bairro de São José, no ano de 1978. Brincadeira inocente ou não²¹, de um grupo de amigos, o fato é que uma nova oportunidade foi dada para o renascimento do carnaval de rua local. A folia de Momo que de modo geral estava restrita aos salões dos grandes clubes recifenses²² foi de certa forma "democratizada". O espaço público, agindo como um espaço urbano livre para circulação de pessoas, que nas colocações de Eni P. Orlandi, é *um espaço material concreto funcionando como um sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares e que se configura como um espaço simbólico trabalhado pela história, como um espaço de sujeitos e de significantes* (ORLANDI, 2001:12), permitiu a adesão popular, diferentemente dos locais fechados. Ricos e pobres poderiam participar do carnaval, dividindo o mesmo local da festa, as ruas do centro do Recife, claro, cada um em sua zona de conforto²³, mas ainda assim no mesmo ambiente. Esse diferencial foi a essência do sucesso do desfile do Galo da Madrugada, que ano a ano só fez crescer em número de participantes, desde a sua fundação.

²¹ Na documentação e entrevistas que analisamos, apesar de Enéas Freire e a direção do Galo da Madrugada, afirmarem que o bloco foi criado para ser uma brincadeira entre amigos, podemos verificar que rapidamente, logo nos primeiros anos de existência, a agremiação carnavalesca tomou uma forma "empresarial", mesmo sendo declarada sem fins lucrativos. Organizou-se a gestão do bloco, e buscava-se o crescimento em estrutura e número de participantes do desfile, a cada ano.

²² Os salões dos grandes clubes recifenses eram espaços privados que via de regra, destinavam-se aos estratos sociais mais favorecidos economicamente durante os festejos do carnaval na década de 1970.

²³ Principalmente a partir da década de 1990, muitas pessoas favorecidas economicamente preferiram acompanhar o desfile do Galo da Madrugada através do conforto dos camarotes que foram montados ao longo do percurso do desfile da agremiação carnavalesca.

Dessa forma, os fatores ligados à tradição formada em torno do Galo da Madrugada, os aspectos econômicos impulsionados pela indústria do turismo e a grande adesão do público, embalada pelo frenético ritmo que é o Frevo, levaram o bloco de carnaval ao destacado status atual, no cenário cultural pernambucano e nacional.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DIAS, Reinaldo. *Turismo e patrimônio cultural - recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: UPF, 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo A., PELEGRINI, Sandra C. A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GUINNESS BOOK - O LIVRO DOS RECORDES. São Paulo: Editora Três, 1995.

HOBSBAWN, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

IANINO, Marcelo Martins. *O Galo e a Polícia: A trajetória do maior Bloco de Carnaval do Brasil e sua repercussão para a Segurança Pública na atualidade (1978 a 2012)*. 142 f. Dissertação (Mestrado), UFRPE - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional - 2012.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2008.

MEDEIROS, Roseana Borges de. *Maracatu Rural: luta de classes ou espetáculo?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.

CLUBE DAS MÁSCARAS O GALO DA MADRUGADA: o maior bloco de carnaval do Brasil é patrimônio cultural e tradição em Pernambuco – por Marcelo Martins Ianino

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. *Sociabilidades, espaço público e cultura: usos contemporâneos do patrimônio na cidade de João Pessoa*. Tese de Doutorado em Sociologia. UFPE, Recife. 2003.

SETTE, Mário. *Maxambombas e Maracatus*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

SILVA, Daisy Rafaela da. *Patrimônio cultural imaterial: antecedentes e proteção jurídico ambiental*. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 63, 01/04/2009 [Internet]. p.02. Disponível em <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5931>.

SILVA, Gustavo Madeiro da. *Carnaval, Mercado e Diferenciação Social*. 143 f. Dissertação (Mestrado), UFPE - Programa de Pós-Graduação em Administração - 2004.

SOARES, Adjeci. *VIVA O GALO! Explosão do Carnaval Pernambucano*. Recife: Edições Shidarta, 1992.

Recebido em: 05/09/2012

Aprovado em: 29/11/2012